

ALIANÇA
SONAE + brMalls

ARTRIO

educação

 BANGU
SHOPPING

 VIA PARQUE
SHOPPING

 SHOPPING
GRANDE RIO

 CARIOCA
SHOPPING

 CAXIAS
SHOPPING

ALIANSCCE + BRMALLS APRESENTAM

ARTES DA TERRA Arte Popular Brasileira

PAULO TAVARES
Curador

Adalton Fernandes Lopes
Cícero Alves dos Santos, Véio
Getúlio Damado
Izabel Mendes da Cunha, Dona Izabel
José Francisco Borges, J. Borges
Maria Auxiliadora da Silva
Maria José Lisboa da Cruz, Dona Roxinha
Maria Lira Marques
Ulisses Pereira Chaves
Vitalino Pereira dos Santos, Mestre Vitalino

Com curadoria de Paulo Tavares, a exposição "Artes da Terra" apresenta 10 artistas - também conhecidos como mestres - que são expoentes da arte popular brasileira. De norte a sul do país, com presenças importantes de diferentes regiões, interiores, cidades e vilas, esses artistas revelam ao público a rica variedade de relações com a terra, comunidade, e cultura local que a arte promove e permite. Ainda que muito diferentes em suas técnicas, o projeto mostra como esses artistas criam a partir dos mais diversos materiais que têm à disposição e procura desenvolver o que seus saberes e trajetórias trazem de comum e nos ensinam sobre cultura, meio ambiente e nossa sociedade.

J. BORGES

JOSÉ FRANCISCO BORGES
(1935)

A xilogravura é uma técnica ancestral, provavelmente de origem chinesa, mas que veio para o Brasil através dos portugueses, e que consiste em esculpir uma placa de madeira (matriz), umedecendo-a posteriormente com tinta e a pressionando contra uma folha de papel, criando imagens como um "carimbo".

J. Borges, como é conhecido artisticamente, nasceu José Francisco Borges em 1935 na cidade de Bezerros, no agreste pernambucano.

Chegando aos 21 anos, passou a comercializar e divulgar a literatura de cordel em feiras e aos 29 anos editou seu primeiro folheto, "O encontro de dois vaqueiros no sertão de Petrolina".

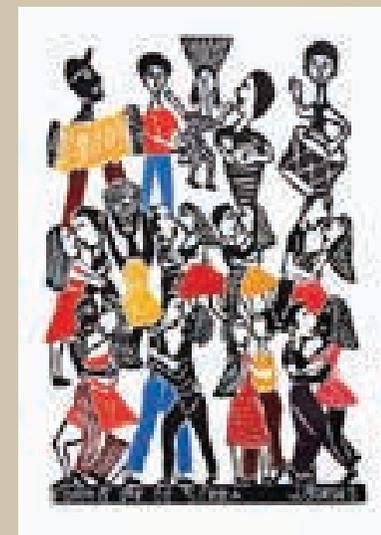
Sua xilogravura começa a ganhar projeção nos anos 70 após apresentada ao escritor Ariano Suassuna, que chegou a considerá-lo, anos mais tarde, como o "maior gravador popular do Brasil".

"A chegada da prostituta no céu" é o título da xilogravura criada em 1976 e que considera sua "obra-prima". Mas seu imenso universo criativo também é habitado por seres imaginários, animais, anjos e demônios, vaqueiros, pessoas simples e personagens do lendário nordestino.

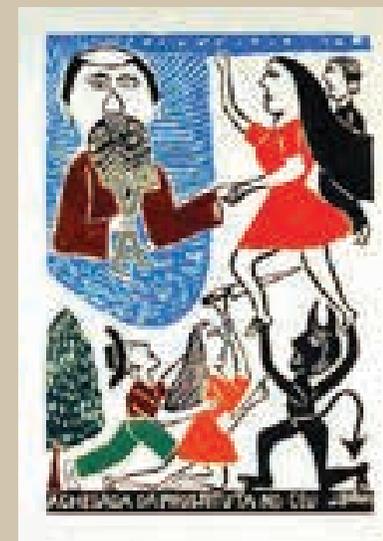
Já produziu mais de 300 folhetos de cordel e milhares de xilogravuras, que circularam o mundo, chegando a ser comparadas ao trabalho de Pablo Picasso pelo jornal americano The New York Times, em matéria de 2006, mesmo ano em que foi reconhecido como Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco.



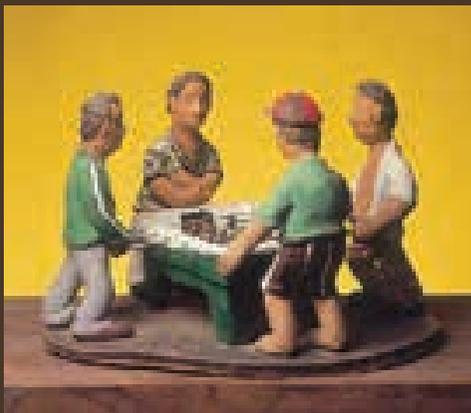
O "Monstro do Sertão" talvez seja a obra mais conhecida do Mestre J. Borges.



Forró Pé de Serra,
xilogravura sobre papel



A chegada da prostituta no céu,
xilogravura sobre papel



Jogo de Totó,
cerâmica policromada,
acervo Museu do Pontal,
Rio de Janeiro

Adalton, nascido na comunidade do Maruí, em Niterói, já fez de tudo um pouco – foi pescador, soldado da Polícia Militar, motorista, biscaiteiro... Começou moldando seus próprios brinquedos no barro dos arredores de casa, já que não tinha dinheiro para comprá-los. Mais tarde, inspirado pelo trabalho de Mestre Vitalino (Caruaru, PE) que teve contato através de matérias em jornais da época, percebeu que aquela atividade poderia se tornar uma profissão.

Inicialmente criou figuras isoladas ou em pequenas composições que, com o tempo, passaram a ser construídas como cenas complexas, com movimentos gerados por engrenagens que montava de forma criativa e muitas vezes improvisadas, usando arames, fios de nylon, relógios, pilhas. Esses mecanismos-engenhocas chegavam a ter centenas de personagens interagindo. Fez circos, rodas de samba, Serras Peladas, Paixões de Cristo... O sagrado e o profano. Retratava como poucos as pessoas comuns. Deixava transparecer em seus trabalhos um tom de crítica social, de reivindicação do papel de protagonista do povo brasileiro.

Além de crítico, tinha um senso de humor peculiar que bem utilizou em uma série de esculturas eróticas que fazem parte, em sua grande maioria, do acervo do Museu do Pontal, no Rio de Janeiro. Inicialmente tinha uma certa reserva quanto a essas peças, mas certamente acabaram por também selar uma marca de sua produção.

Cronista da vida urbana na segunda metade do século XX do Rio de Janeiro e carinhosamente chamado de “Rei das Geringonças”, foi um dos mais importantes artistas populares do Brasil, deixando sua filha Cátia, como principal discípula.

ADALTON FERNANDES LOPES

(1938 - 2005)



Serra Pelada,
cerâmica policromada,
acervo Museu do Pontal,
Rio de Janeiro



“O tronco fechado só me deixa fazer o que ele manda. Ele me diz — Vai em frente, mas quem cria é a natureza. O tronco aberto é liso, me deixa fazer o que eu quero. Tenho como entrar nele, trabalhar ele, mudar”.

Sem título,
da série Tronco Fechado
madeira policromada,
acervo Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro

Sem título,
da série Palhaços,
madeira policromada,
acervo Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro

VÉIO

CÍCERO ALVESDOS SANTOS
(1947)

Nascido em Nossa Senhora da Glória (SE), Cícero Alves dos Santos, ganhou o apelido de Véio ainda criança. Conta que já aos 5 anos, preferindo a conversa dos mais idosos, passou a ser chamado assim por seus amigos. Mas ele fazia isso para poder ouvir histórias do sertão contadas pelos mais antigos – lobisomem, caipora, fogo corredor... Com isso nasceu o interesse pela preservação da memória da região. Gostava de fazer pequenos bonecos com cera de abelha, mas os desmanchava assim que alguém se aproximava – menino tinha que trabalhar na roça... Foi vender suas primeiras peças consideradas obras de arte lá nos anos 1980.

Explica, sabiamente, que as madeiras novas trazem o valor da juventude e já as velhas, fragilizadas pela ação do tempo e da natureza, mostram a parte final da vida. Para suas criações costuma seguir por um dos dois caminhos: ou imagina uma cena real e a esculpe em pedaços de tronco ou madeira descartada – que podem ir de poucos milímetros a mais de 2 metros de altura, ou antevê expressões de seres nas madeiras e raízes quase in-natura que busca nos arredores de seu sítio. Nessas peças intervém muito pouco.

Já participou de importantes exposições, como “Becoming Marni”, durante a 56ª Bienal de Veneza, 2015, e “Vivid Memories”, na Fundação Cartier em Paris, 2014. Suas obras estão presentes nas principais coleções do Brasil e sua trajetória de sucesso como artista autodidata é inspiração para muitos outros profissionais ou aprendizes.

“Eu tenho saudade de Taperoá
Oi leva eu beleza, leva eu pra lá
Agora me deu saudade
Não posso dizer de quem
Está longe desta terra quem meu
coração quer bem”

Ouvindo cantos de roda como esse, que sua mãe cantava enquanto passava roupas para clientes, foi que Maria Lira Marques, nascida em Araçuaí, Médio Vale do Jequitinhonha, no ano de 1945, foi aprendendo a tomar gosto pela cultura popular local. Sua mãe era lavadeira e seu pai, sapateiro.

Também com ela começou a aprender o ofício da criação de pequenos presépios que preferia fazer com cera de abelhas, que seu pai usava nas costuras dos sapatos.

Mas foi com a chegada de Frei Chico, de origem holandesa, à paróquia que se sentiu ainda mais segura para seguir tanto no caminho da produção de arte, como na relação que tem com a música e a pesquisa das expressões culturais da região.

Sua obra tem influências africanas e indígenas. As máscaras de cerâmica preencheram boa parte de sua produção inicial. A partir dos anos 90 passa a realizar pinturas em papel e sobre pedras que recolhia, como sua principal forma de expressão. Os pigmentos usados são naturais, vindos do barro. As formas, algo como as pinturas rupestres a que ela nomeou de “Bichos do meu Sertão”, numa série contínua de imagens ao mesmo tempo líricas e fortes, suaves e rudes, que demonstram a sua constante busca por entender sua ancestralidade.

A terra é vida!

Resume não só toda a importância que dedica a seu lugar de origem e de vida, como também o seu ativismo em favor dos mais necessitados, tendo sido fundadora do Partido dos Trabalhadores e da Associação de Artesãos de sua cidade.

MARIA LIRA MARQUES

(1945)



Sem títulos,
da série Bichos do meu Sertão,
pigmentos naturais sobre papel,
acervo Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro

GETÚLIO DAMADO

(1955)

“Comecei a fazer o bondinho de madeira, pintado de amarelo e com corações vermelhos. Ele era assim quando cheguei. Meus bonecos surgiram para complementar o orçamento. Só o conserto de panelas não dava”.

Getúlio Damado nasceu na cidade mineira de Espera Feliz. O nome de sua cidade natal, poético e sugestivo, não traduz sua maneira de viver. Getúlio é daqueles que faz acontecer.

No início dos anos 1980, se estabeleceu no bairro de Santa Teresa (RJ), onde montou uma banca em que consertava panelas e outros utensílios. Sempre foi encantado com os bondes e trens que via por onde passava, então começou a pegar coisas que encontrava pelos caminhos e decidiu confeccionar um bonde de madeira reaproveitada.

Seus amigos passaram a se interessar pelas peças e as encomendavam para ele. E aí a longa história de artista reconhecido até fora do Brasil começou. Getúlio vive para e pela arte. Tudo que vê e recolhe pode ser transformado em bonecos, quadros, objetos – todos com história e nomes que dá e que fazem parte de seu universo. São referências as cenas do bairro, mas também suas lembranças de Minas Gerais, seus amores...

As obras de Getúlio rodam pelo Brasil e pelo mundo. Seja nas malas dos milhares de turistas que o visitam e ficam encantados, seja nas diversas exposições das quais já participou.



Bonde,
material reciclado, acervo
Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro

“Pensamento deste que vos escreve: Se esse bonde falasse da vida desse mineiro, tinha assunto para uma semana. E até mesmo para o ano inteiro.”

Boi Badalo,
material reciclado



ULISSES PEREIRA CHAVES

(1922 - 2006)

Em 1922, uma época em que as grandes cidades brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, viviam o frenesi do movimento Modernista, na pequena cidade rural de Córrego Santo Antônio, no Vale do Jequitinhonha, vinha ao mundo quem seria um dos maiores artistas do barro no século XX.

De família simples, Ulisses Pereira Chaves aprendeu o ofício com a sua mãe, paneleira. Dizia que tinha recebido um chamado da natureza para criar suas figuras, formas meio humanas unidas a partes de corpos de animais, formando seres únicos e estranhamente maravilhosos!

Eram formas desconstruídas, cujas partes estavam ligadas entre si com sinais matemáticos de adição (+). Ou seja: desenhava uma cabeça, o sinal de adição (+), os braços, outro sinal (+), as pernas etc. Como uma soma de partes.

Diferente de outras localidades do Vale do Jequitinhonha, onde a produção de obras figurativas resultou na formação de "escolas", como a de Dona Izabel em Santana do Araçuaí, em Caraiá a produção dava-se de forma mais autoral, individual. A obra de Ulisses pode ser descrita como expressionista e surrealista.

Ulisses tinha uma profunda ligação com a natureza e com as obras que criava. As peças que quebravam durante o processo de queima, não eram jogadas fora. Pendurava nas cercas de sua casa porque, para ele, elas tinham um motivo próprio para terem se quebrado - uma individualidade que ele respeitava.



Sem título,
escultura moldada
em barro cozido pintada
a mão, sem assinatura,
acervo Miguel Salles
Escritório de Artes

Sem Título
(Figura Antropomórfica),
cerâmica,
acervo Galeria Gomide,
São Paulo



“Matéria daqui é barro. Se você ou qualquer pessoa levar minhas peças, eu falo com elas, onde elas estiverem. Eu sou Ulisses, eu invento. Eu falo com a natureza, o oxigênio, as plantas. Cada peça me responde. Se você pergunta, ela não diz nada. Se você pergunta, ela fica calada. Minhas peças falam comigo...”



Boi,
cerâmica,
acervo do Museu de
Arte Popular do Recife

MESTRE VITALINO

VITALINO PEREIRA
DOS SANTOS (1909 – 1963)

Filho de lavrador e de uma louceira que fazia panelas e utensílios de barro para vender nas feiras, Vitalino nasceu em Caruaru (PE) em 1909 e desde cedo foi apresentado ao material que um dia lhe faria famoso – produzia seus próprios brinquedos com as sobras do barro que sua mãe usava.

Depois de tanto fazer seus bonecos e composições de cenas, ou “conjuntos”, para vender na feira de Caruaru, recebeu, em 1947, convite para apresentar suas criações no Rio de Janeiro e São Paulo. Sua vida ali começou a melhorar.

Apesar de ter criado cerca de 200 peças diferentes e ter produzido milhares delas, provavelmente sua criação mais icônica e reconhecida seja o boi (foto). Seu boi é uma figura imponente, grandiosa e de postura firme, símbolo do sertanejo.

Deixou como legado dezenas de aprendizes que sempre incentivou, não somente em Caruaru, mas também influenciando diretamente artistas de todo o Brasil. Vitalino, que também é considerado o maior nome da arte popular figurativa brasileira, apresentou de forma muito especial em seus bonecos de barro, o povo nordestino, sua cultura e seus costumes, tanto que o famoso escritor Ariano Suassuna dizia que: “Vitalino não era nem artista, nem artesão: Vitalino era na verdade um boneco de barro que virou gente...”.



Cangaceiro,
bronze pintado,
Catálogo das Artes



Mãe com moringa na cabeça,
escultura em barro,
Catálogo das Artes



“Foi mais importante que eu aprendesse a usar minhas mãos que minha cabeça. Na minha terra, as mãos produzem comida e a cabeça só produz confusão”.

MARIA AUXILIADORA DA SILVA

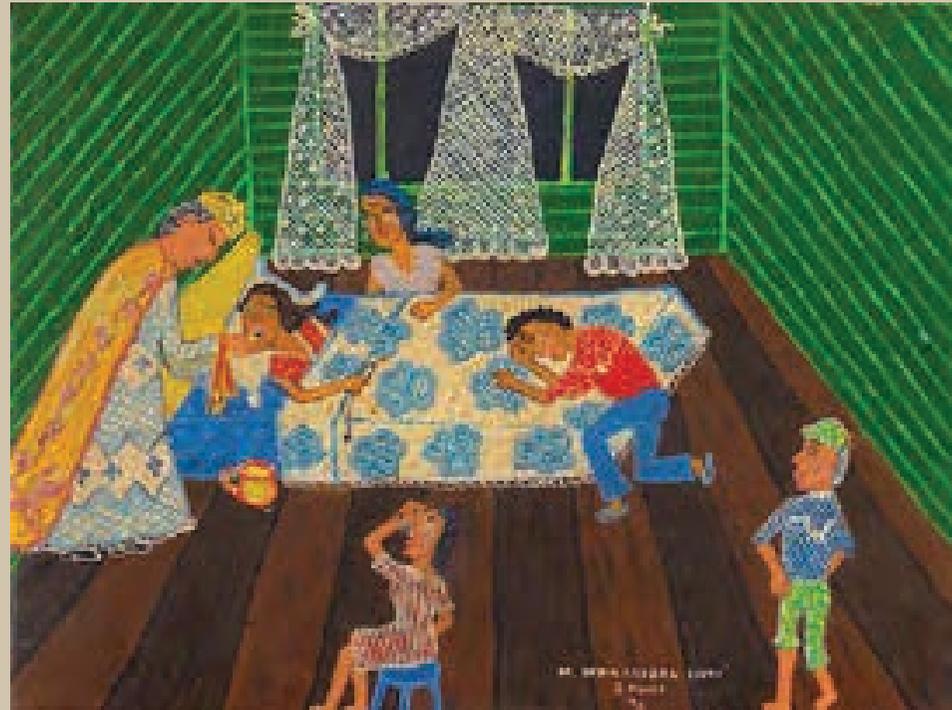
(1935 - 1974)

Nascida em Campo Belo, Minas Gerais, Maria Auxiliadora mudou-se ainda bem nova para São Paulo com sua numerosa família de artistas - sua mãe era escultora, pintora e bordadeira.

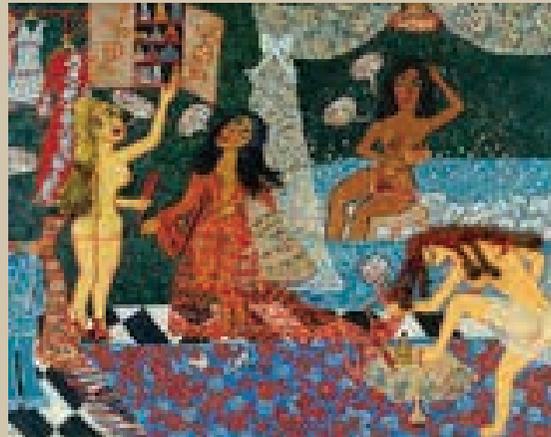
Aos 12 anos precisou deixar a escola que frequentava para poder auxiliar no sustento de casa. Passou então a trabalhar como empregada doméstica e depois como bordadeira numa fábrica. Mas foi através da pintura que ela pode se expressar, retratando cenas do cotidiano urbano e rural, além de temas afro-brasileiros e populares, onde pessoas comuns assumiam o protagonismo.

Dizia que suas primeiras pinturas, em 1968, eram "planas" - sem volume. Foi então que, sempre curiosa, passou a experimentar o uso de técnicas inovadoras em seus trabalhos, adicionando camadas grossas de tinta ou massa acrílica misturadas com mechas de seu próprio cabelo ao pintar, conferindo relevo e tridimensionalidade às figuras e formas. Também explorou a utilização da escrita em suas obras, incluindo diálogos em "balões" nas telas, como nas histórias em quadrinhos, mostrando profunda perspicácia em relação às mídias e maneiras de comunicação de sua época.

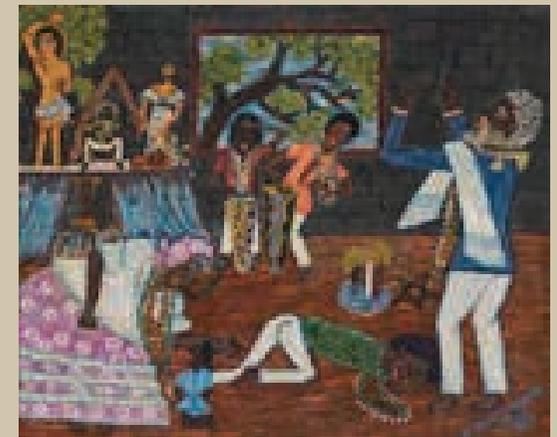
Já no início dos anos 70, passou a expor seus trabalhos na Praça da República no centro de São Paulo, local que acolhia artistas independentes e autodidatas. Lá teve contato com marchands, críticos de arte e galeristas que levaram seu trabalho para exposições e feiras de arte, principalmente fora do Brasil. Morreu muito jovem e o reconhecimento pleno de sua qualidade artística acabou acontecendo postumamente, com suas obras sendo apresentadas, dentre outras, na 38ª Bienal de Veneza (1978) e no Museu de Arte Naïf, de Vicq, na França (1979).



Última unção,
técnica mista sobre
tela, acervo MASP



A preparação das meninas,
técnica mista sobre tela,
acervo MASP



Umbanda,
técnica mista sobre tela,
foto divulgação MASP

Nasceu no município de Itinga, Vale do Jequitinhonha (MG) em 1924, filha de paneleira e pai lavrador, como tantas outras nascidas ali, onde a tradição da manufatura em argila é comumente passada de mãe para filhas, da mesma maneira que era nas culturas de seus ancestrais indígenas e africanos.

Com o passar dos anos, o trabalho com o barro se transformou em sua principal fonte de renda, tornando-se paneleira, assim como sua mãe, avó e bisavó. Após a perda de seu marido, mudou-se para Santana do Araçuaí, também no Vale do Jequitinhonha, com seus quatro filhos.

Já na década de 70 começaram a surgir suas bonecas – inicialmente moringas que assumiam a forma de mulheres, com a cabeça fazendo o papel de “tampa” –, e as noivas, que se tornaram sua marca. Essa foi a maneira que encontrou de se diferenciar. Dona Izabel passou então a sofisticar suas criações utilizando mais detalhes e cores diferentes, resultado do uso da técnica do engobo, ou “água de barro”, em que dissolvia material vindo de diversas fontes de barro, para usá-lo como tinta, conferindo também um brilho característico às peças.

Somente em 2009, aos 85 anos, Dona Izabel iria ver sua primeira exposição individual, em São Paulo. Mas ali já era reconhecida em todo o país como uma das maiores ceramistas brasileiras.

Com um estilo próprio, no qual se destaca a intenção de recriar de forma diversificada e enobrecedora a imagem da mulher interiorana, Dona Izabel foi responsável por uma profunda mudança na região do Vale do Jequitinhonha, criando uma “escola” e deixando dezenas de aprendizes e seguidores que ajudaram – e ainda ajudam – a perpetuar a graciosidade daquelas esculturas feitas de barro e de muito amor.

DONA IZABEL

IZABEL MENDES DA CUNHA,
(1924 – 2014)



Mulher-moringa com pássaro,
cerâmica policromada,
acervo Museu do Pontal,
Rio de Janeiro

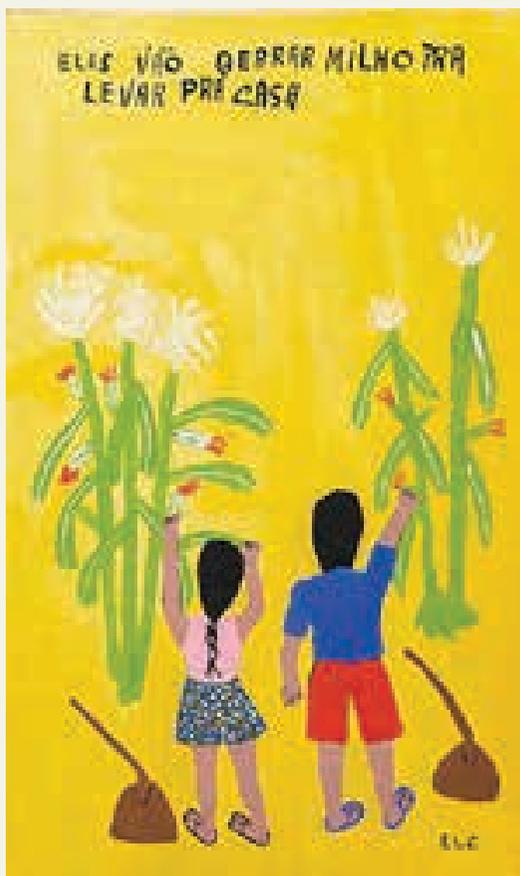


Noivinha,
cerâmica policromada,
Catálogo das Artes

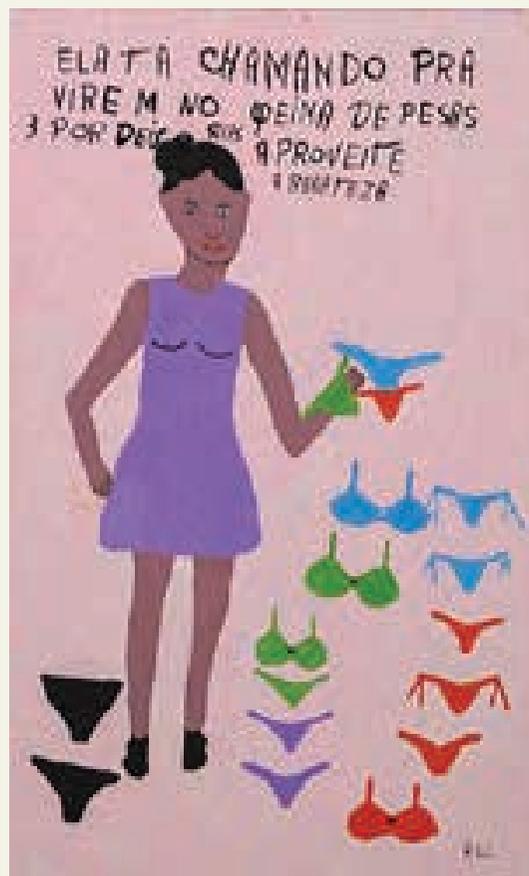


Mulher com pássaro na mão,
cerâmica policromada -
acervo Galeria Estação,
São Paulo, foto João Liberato

“Faço figura de mulher
pobre e mulher rica,
porque todo mundo
é filho de Deus”.



Quebrar Milho,
acrílica sobre eucatex,
acervo Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro



Venda,
acrílica sobre eucatex,
acervo Galeria Imaginária,
Rio de Janeiro

DONA ROXINHA

MARIA JOSÉ LISBOA DA CRUZ,
(1956)

Dona Roxinha, como é conhecida na região onde mora, tem esse apelido por ser “bem moreninha, quase roxa”, como gosta de dizer.

Nascida no povoado de Lagoa da Pedra, distrito da cidade alagoana de Pão de Açúcar, costuma pintar cenas do cotidiano – tanto as que resgata de sua memória, como as que vê ao seu redor. Roxinha, chegou a experimentar uma produção de esculturas, que logo foi substituída pelas pinturas nas paredes de sua casa e mais tarde por suportes muitas vezes precários, como pedaços de madeira usada e chapas de metal.

Diz ela que isso começou porque gostava de passear pela cidade com seu marido e à noite, quando voltavam para casa, faziam sua “resenha” regada a desenhos em cadernos e risadas. Esses cadernos infelizmente foram esquecidos “na mata”, quando achou que nunca seria uma artista de verdade...

Mas Roxinha surpreende pela perspicácia e energia. Muito atenta a tudo que acontece, faz críticas divertidas sobre a política, a sociedade, as relações amorosas, sempre colocando protagonismo nas mulheres que estão sempre presentes em seus trabalhos.

Costuma escrever títulos e legendas na própria pintura, como forma intuitiva de contextualizar e ensinar como vivem seus conterrâneos, para quem não conhece muito bem o lugar.

Dona Roxinha, através da pintura, está mudando a sua vida e a de sua família e em breve terá sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro.

ARTRIO
educação

ALIANÇA
SONAE
+
brMalls

 BANGU
SHOPPING

 VIA PARQUE
SHOPPING

 SHOPPING
GRANDE RIO

 CARIOCA
SHOPPING

 CAXIAS
SHOPPING